

Ana Lúcia P. Magalhães
Eclair A. Almeida Filho

Aspectos tradutivos do
Poema em prosa
em Baudelaire

Resumo

Neste nosso artigo, esboçamos uma reflexão sobre a tradução do gênero 'poema em prosa' em Baudelaire. A nosso ver, trata-se de um gênero extremamente complexo, pois não se fixa nem na poesia nem na prosa, o que exige do tradutor uma maestria para não se deixar cair em reducionismos.

Palavras-chave: Baudelaire; poema em prosa; tradução poética

Résumé

Dans cet article, nous avons pour but d'ébaucher une réflexion sur la traduction du genre 'poème en prose' chez Baudelaire. A notre avis, il s'agit d'un genre extrêmement complexe, puisqu'il ne se fige ni à la poésie ni à la prose, ce que demande du traducteur une maîtrise qui l'empêcherait de se laisser emporter par des mises en réduction.

Mots-Clés : Baudelaire ; poème en prose ; traduction poétique

Charles-Pierre Baudelaire nasceu em Paris em nove de abril de 1821. Filho de Joseph-François Baudelaire e de Caroline Baudelaire, foi tradutor, poeta, crítico de arte e literato. Do pai, pintor e poeta, herdou o gosto pelas artes, mas o convívio entre os dois foi interrompido muito cedo, com a morte de François Baudelaire em 1827.

Considerado como um dos precursores do gênero 'poema em prosa', seu primeiro texto em prosa escrito, *Le Jeune Enchanteur*, foi publicado no periódico *L'Esprit public*, em 1846. De acordo com a cronologia de Baudelaire apresentada por Le Dantec, 1954, W. T. Bandy descobriu que o texto era, na verdade, uma tradução de uma novela inglesa de George Croly. Também publicou, naquele periódico, no mesmo ano, os *Conseils aux Jeunes Littérateurs*, onde a personalidade sarcástica e a crítica sutil se destacaram.

Baudelaire apresentou estudos e traduções da obra de Allan Poe. Essas traduções, iniciadas em julho de 1854, seguem até abril de 1855. Ainda em relação à obra de Edgar Allan Poe, em abril de 1859, Baudelaire inseriu no periódico *Revue française*, "*La Genèse d'un poème*", traduzido da obra *Philosophy of Composition* de Edgar Poe. As traduções de Poe para o idioma francês contribuíram para o desenvolvimento do movimento simbolista na França.

Da leitura de Inês Oseki-Dépré (1999, p.188-204), em suas traduções da obra de Edgar Allan Poe para a língua francesa, em especial do poema *Le corbeau*, Baudelaire traduziu Poe imprimindo sua marca, fazendo do texto do poeta norte-americano uma espécie de desencadeador do poema em prosa. Dizem que graças ao talento do tradutor, Poe ficou conhecido na França como um grande poeta, mais importante que em seu próprio país.

Quanto aos poemas em prosa, a primeira publicação de uma sequência de seis poemas em prosa, *Poèmes nocturnes*, ocorreu no periódico *Le Présent*. Ressalte-se que as publicações dos poemas em prosa ocorreram concomitantemente com as várias publicações de *Fleurs du mal*. Em novembro de 1861, nova série de poemas em prosa foi publicada na *Revue fantaisiste*. No Natal do mesmo ano, Baudelaire expôs a Houssaye seu projeto de reunir em um volume seus poemas em prosa, que ele sonhava intitular sucessivamente *Le Promeneur Solitaire*, *Le Rodeur parisien* e posteriormente *La Lueur et la Fumée*.

Entre 26 de agosto e 24 de setembro de 1862, o periódico *La Presse* publicou os vinte primeiros pequenos poemas em prosa, precedidos de sua carta-dedicatória a Arsène Houssaye. No ano seguinte, de junho a dezembro, foram publicados sete poemas em prosa na *Revue nationale*. Finalmente em fevereiro de 1864 o título *Le Spleen de Paris* apareceu pela primeira vez antecedendo sete poemas em prosa e em 25 de dezembro do mesmo ano são

* Ana Lúcia P. Magalhães - Bacharela em tradução pela UnB

** Éclair A. Almeida Filho - Professor do Curso de Tradução Francês-Português UnB

publicados mais seis novos poemas em prosa na *Revue de Paris*, ainda intitulados *Le Spleen de Paris*.

De 1864 a 1866, Baudelaire morou em Bruxelas. Lá, apresentou algumas Conferências e traduziu os textos de Edgar Allan Poe: *Eurêka* e *Histoires grotesques et sérieuses*. Ainda na Bélgica, o poeta leu suas obras nos salões de Prosper Crabbe, um agente cambial e colecionador. No entanto, os editores Lacroix e Verboeckhoven, que poderiam publicar sua obra completa, não participaram das leituras. Em 31 de agosto de 1867, iniciou-se a publicação da última série dos Pequenos Poemas em Prosa, na *Revue nationale*, com *Les Bons Chiens*. Nesse mesmo dia, nos braços de sua mãe, morreu o poeta Charles Baudelaire, em Paris, aos 46 anos.

Charles Baudelaire é considerado por muitos escritores como o primeiro poeta moderno. Nesse caso, a modernidade de sua obra deve ser observada em sua totalidade, ou seja, sua correspondência, seus textos de crítica literária, artística e musical, a apresentação de seus *salons*, dos seus textos poéticos e de suas traduções, em especial da obra do escritor norte-americano Edgar Allan Poe².

Nessa modernidade, surge o gênero literário “poema em prosa”, na segunda metade do século XIX, engendrado sobremaneira por Aloysius Bertrand e Charles Baudelaire. Segundo Michel Sandras (1995), esse gênero apresenta uma definição muito difícil, uma vez que a pesquisa de propriedades formais e temáticas, características de uma classe de textos, poemas em prosa, encontra vários problemas.

O primeiro dos problemas residia nas noções de *poema* e *prosa*, tradicionalmente tidos como termos opostos. Atualmente esse problema não mais existe, uma vez que a ideia de poesia não implica necessariamente a escrita em verso. Para Bernard (1959), o poema em prosa segue duas tendências, sendo que a primeira se rebela contra a ordem da poesia clássica, que via a estrutura clássica em versos como a única forma de expressão poética; e a outra, parecendo oposicionista, que acrescenta elementos da poesia.

De acordo com o “Lexique des termes littéraires”, o poema em prosa

[...] date du XVIII^e siècle (où elle souligne la qualité poétique d'épopées en prose ou de romans comme *La princesse de Clèves*), mais c'est seulement en 1842, avec les poèmes d'Aloysius Bertrand, *Gaspard de la Nuit*, qu'elle s'applique à une forme poétique nouvelle et autonome. Un poème en prose est une structure qui forme un tout et qui est fondée non sur des phénomènes prosodiques et métriques, mais sur des recherches de rythme, de sonorités, d'images, qui sont propres à la prose mais en donnant une utilisation qui n'a rien à voir avec la prose au sens traditionnel du terme. C'est

² Ver: “Le spleen de paris, petits poèmes en prose: ‘crise de vers’, ‘crise de prose’”, de Maria Hermínia Amado Laurel.

dans la seconde moitié du XIX^e siècle que le poème en prose a véritablement pris son essor, avec les poèmes de Baudelaire, de Rimbaud, puis au XX^e siècle, de Claudel, Cendrars, Léon-Paul Fargue, Saint-John Perse, Francis Ponge, etc. [...] (JARRETY, 2001, p. 57)³

Petits Poèmes en Prose (Le Spleen de Paris), obra póstuma composta de 50 peças sintéticas, com teor poético, foi editada como Volume Único, pela primeira vez em 1869, dois anos após a morte de Baudelaire, pela Editora Michel Lévy, sob direção de Eugène Crépet. Os cinquenta poemas em prosa são precedidos de uma carta dedicatória que traz algumas informações importantes, como por exemplo a declaração de Baudelaire de que teve sua obra inspirada na obra de Aloysius Bertrand.

O título da obra em estudos foi modificado várias vezes pelo próprio Baudelaire. Ele aparece nos periódicos desde 1862 como *Petits Poèmes en Prose*. Em 1863, apesar de o autor nomear sua obra de *Petits Poèmes en Prose*, os periódicos *Le Figaro* e *La Revue de Paris* o apresentam como *Le Spleen de Paris. Poèmes en Prose*, título que permanece nas edições modernas.

O termo *spleen* aparece no dicionário de língua francesa *Le Robert Micro*, 2008, como sendo: “**spleen** [splin] n. m. ▪ Littér. Mélancolie sans cause apparente, caractérisée par le dégoût de toute chose, vague à l’âme, neurasthénie. → **ennui**. Avoir le spleen. → **cafard**.” Segundo Dirceu Villa, na “Introdução” à segunda tradução de Dorothée de Bruchard (BAUDELAIRE, 2011, p. 17-19),

[...] SPLEEN – Esta é a palavra do título, um “tédio existencial”, mais ou menos; porque, afinal de contas, Baudelaire poderia ter chamado o livro *L’ennui de Paris* se quisesse dizer simplesmente “tédio”, como uma chateação qualquer. [...] Ele se aplica, como vemos, diretamente à vida nas então recentes metrópoles e, em particular, em Paris. E Paris, no livro, é mais (ou menos) que uma cidade: é, como vimos, um estado mental.

Segundo Viviana Bosi (2007, p. 110), das leituras e traduções de Poe, alguns aspectos foram trazidos para a produção dos poemas em prosa de Baudelaire, como a “tentação do abismo, a zombaria quanto ao verdadeiro sentido das ações humanas, o transbordamento irreprimível do impulso para a vingança e para a transgressão [...]”. Baudelaire se inspirou no ritmo do conto *The imp of the perverse*, de Allan Poe, iniciado por elucubrações filosóficas e

³ Tradução livre: “[...] data do século XVIII (em que ela sublinha a qualidade poética de epopeias em prosa ou de romances como *La princesse de Clèves*), mas é somente em 1842, com os poemas de Aloysius Bertrand, *Gaspard de la Nuit*, que ela se aplica a uma forma poética nova e autônoma. Um poema em prosa é uma estrutura que forma um todo e que é fundada não em fenômenos prosódicos e métricos, mas em pesquisas de ritmo, de sonoridades, de imagens, que são próprios à prosa, mas lhe dão uma utilização que não tem nada a ver com a prosa no sentido tradicional do termo. Foi na segunda metade do século XIX que o poema em prosa alçou de verdade seu voo, com os poemas de Baudelaire, de Rimbaud, depois no século XX, de Claudel, Cendrars, Léon-Paul Fargue, Saint-John Perse, Francis Ponge, etc. [...]”.

psicológicas, seguidas de exemplos, ações humanas que antecipam o final, a exemplo do poema “O mau vidraceiro”.

Para Dirceu Villa (BAUDELAIRE, 2011, p. 20), a obra de Baudelaire traz “[...] a singularidade da voz que os enuncia; o permanente e tenso equilíbrio (por vezes *oposição*) entre multidão / indivíduo [...]”. Nela, encontra-se de tudo um pouco:

[...] ele começa com ‘*L’étranger*’ (‘O estrangeiro’), um brevíssimo introito dialogado, lembrando que as pessoas são estranhas quando você é um estranho; passa por pequenos poemas narrativos de momentos como uma espécie de iluminação às avessas; pela alegoria cinzenta de ‘*Chacun à sa chimère*’ (‘Cada qual com sua quimera’) e pelo conto de fadas de ‘*Les dons des fées*’ (‘Os dons das fadas’); e termina num epílogo em verso, o único pedaço realmente em verso do livro, e que, não por acaso, está escrito em *terza rima*, como a *Divina Commedia* dantesca – recuperando aquela relação infernal estabelecida em Eliot em seu binômio Dante-Baudelaire –, onde a cidade por fim recebe uma declaração de amor evocando o grande patrono Satã, as prostitutas, a cidade que é ‘hospital, lupanar, purgatório, inferno, prisão’ [...] (BAUDELAIRE, 2011, p. 28-29)

Segundo Bosi, Baudelaire não se restringiu somente aos estudos literários, mas também foi um apaixonado pela pintura, o que resultou em uma obra relacionada tanto aos homens quanto a objetos. Ao observar o quadro *tableau parisien*, o poeta trouxe em seu poema em prosa “*Les Fenêtres*” um sujeito poético objeto. Ele aponta aspectos provocativos entre uma janela fechada e uma janela aberta, considerando que o que se vê à luz do sol é sempre menos interessante do que o que se passa por detrás de uma vidraça, que é explícito e oculto. Assim, para o poeta, as janelas fechadas são mais interessantes do que as janelas abertas.

No poema em prosa XIX, “*Le joujou du pauvre*”, de acordo com Suzanne Bernard, usando uma grade simbólica, Baudelaire apresentou as duas realidades de vida, os dois mundos: a estrada e o castelo. Por meio da grade a criança pobre mostrou seu brinquedinho vivo à criança rica. Para dar um final feliz e espiritualizar a anedota, Baudelaire redigiu um final de maneira muito inteligente: “*Et les deux enfants se riaient l’un à l’autre fraternellement, avec des dents d’une égale blancheur.*”⁴

Dessa forma, conservando o estilo poético e harmonizando as palavras e a música, Baudelaire escreveu seus poemas em prosa apresentando uma variedade de tons, como visto nos diversos temas inerentes à modernidade da grande cidade de Paris.

Sandras, 1995, no capítulo que trata da poética do poema em prosa, destaca um subcapítulo para apresentar os motivos, temas e tonalidades do poema em prosa. Seguindo a

⁴ Tradução livre: “E as duas crianças riam uma para a outra fraternalmente, com dentes de uma igual brancura.”

didática usada por Sandras, também tratamos de alguns temas, bem presentes no segmento de poemas em prosa que nos propusemos a traduzir: os vinte primeiros poemas em prosa.

Sandras afirma que os poemas em prosa narram uma estória exemplar, descrevem explicitamente um objeto ou constituem uma variação sobre um tema. No tema relativo à grande cidade, no caso Paris, o poeta a identifica por meio das ruas e dos jardins públicos. Esses lugares, descritos pela atmosfera que os permeia, aparecem ligados aos ruídos presentes, como os gritos dos vendedores ambulantes, o barulho provocado pelos *fiacres*, bem como as músicas, como no caso dos concertos nos jardins públicos. A cidade à noite também é aquela da *solitude* do homem em uma turba atarefada.

Outro tema presente nos poemas em prosa de Baudelaire se refere às barraquinhas de festas. Os lugares onde se dão os espetáculos e as exposições foram privilegiados pelos autores de poemas em prosa, como as barracas de feiras e as tendas, palco dos saltimbancos, dos prestidigitadores, dos domadores de animais, dos “Hércules” e das dançarinas. No poema em prosa nº XIV “*Le vieux saltimbanque*”, Baudelaire representa o ambiente e a atmosfera de uma solenidade que acontecia nas férias. Nesse poema, o sujeito poético informa o costume do parisiense, quando afirma: “[...] *Pour moi, je ne manque jamais, en vrai Parisien de passer la revue de toutes les barraques qui se pavant à ces époques solennelles*”⁵ (grifamos).

Como não podia deixar de tratar sobre o tema *modernidade*, Sandras informa que em todos os poemas em prosa de Baudelaire está presente a escolha da paisagem urbana, característica do gosto dos escritores pós-românticos. Suzanne Bernard (1959, p. 122) evidencia o tom modernista, que mostra que a finalidade de Baudelaire não era simplesmente escrever em prosa, mas compor uma nova forma de poesia capaz de reunir todas as ressonâncias e todas as dissonâncias da vida moderna.

Enfim, voltando às ideias de Sandras, 1995, Baudelaire tem na ironia a estratégia de um discurso estético e moral, observando-se que a tonalidade sarcástica não exclui a tonalidade da vibração.

Refletir sobre a tradução de um texto literário, em especial a poesia em prosa de Charles Baudelaire, que nos revela um universo linguístico marcado por ritmo e imagens, implica inicialmente reconhecer a característica do texto como um todo, bem como as particularidades de cada poesia em prosa, ao mesmo tempo. Dentro do tema *Tradução poética* há os que defendam que o texto traduzido exige do tradutor uma sensibilidade e um talento semelhantes aos que tradicionalmente se exigem dos poetas. Para outros poetas e

⁵ Tradução livre: “[...] Para mim, não deixo jamais, como verdadeiro parisiense, de passar em revista todas as barracas que se empavonam em tais épocas solenes.”

críticos, a *tradução poética* exige do tradutor mais que os limites estritos da linguística, mas considerando também o aspecto formal do texto literário, que muito contraria o sentido da linguagem de comunicação corrente (cf. FALEIROS, 2012).

Ainda segundo Faleiros (2012), no Brasil o estudo teórico sobre a tradução poética emerge apenas na década de 1960, com os irmãos Haroldo e Augusto de Campos, quando surge o conceito de *transcrição*, explicando que não é o caso de se traduzir apenas o significado, mas também o próprio signo, a iconicidade do signo estético, sua fisicalidade, sua materialidade, suas propriedades sonoras, sua imagética visual, seguindo a prática tradutória de Ezra Pound, que trata da recriação e da crítica em uma tradução poética. Esta última, cumprindo duas funções: primeiramente “tentar teoricamente antecipar a criação”, bem como “eliminar as repetições”.

Nas décadas de 1980 e 1990, outro conjunto de perspectivas teóricas foi adotado, chamado de “semióticas e textuais, que propõem um equilíbrio dinâmico entre a forma, o sentido e as características retóricas do texto literário” (Pierre Rivas, *apud* FALEIROS, 2012, pp. 30-31).

Em *Literatura inglesa medieval* (1988), Paulo Vizioli é o primeiro a trazer uma abordagem mais textual à tradução poética no Brasil, cuja perspectiva encontra-se embasada na definição das três atividades de criação poética sistematizadas por Ezra Pound: a melopeia, a fanopeia e a logopeia.

Sobre o assunto, é necessário apresentar a teoria de Pound (1990, p. 63), que, considerando a linguagem como meio de comunicação, apresenta os principais três meios para carregar a linguagem de significado até o máximo, a saber:

1. Projetar o objeto (fixo ou em movimento) na imaginação visual.
2. Produzir correlações emocionais por intermédio do som e do ritmo da fala.
3. Produzir ambos os efeitos estimulando as associações (intelectuais ou emocionais que permaneceram na consciência do receptor em relação às palavras ou grupos de palavras efetivamente empregados.
(fanopeia, melopeia, logopeia)

Na abordagem de Vizioli (1988, p. 22-23), são os seguintes os passos a serem seguidos pelo tradutor:

Traduzir, primeiramente, a partir do ritmo (melopeia) do poema e criar um texto que retoma a regularidade métrica, caso exista, do texto original. É importante observar que a escolha não esteja isolada das outras qualidades sonoras do texto, como as repetições, as assonâncias e as aliterações;

A imagética (ou fanopeia) do texto deve ser recriada, porém mantendo-se os termos mais marcados pela cor local, não podendo ser substituídos por elementos da cultura de chegada;

Transpor o termo “estranho” pela introdução de elementos da língua-cultura de chegada, ou seja, entrar no campo da adaptação literária.

A última etapa (logopeia), encontrar o “tom do texto original”, é sem dúvida o elemento mais difícil, pois o tradutor precisa ficar atento ao tom utilizado pelo poeta: “sentimental ou reservado, cômico ou sério, ingênuo ou irônico” (VIZIOLLI, 1988, p. 24).

Nessa mesma linha, Mário Laranjeira (apud DOMINGOS, 2008) afirma que se deve identificar no texto a manifestação do poético e verificar, no ato de traduzir, como se dá a passagem do poético no texto traduzido. O tradutor não pode apenas transladar um sentido de língua para outra, sem limitar-se apenas à transmissão de informação ou de comunicação.

Antoine Berman, 2008, desenvolveu uma reflexão sobre tradução literal, definida por ele como tradução poética e conseqüentemente criativa. Tal tradução, segundo Eduardo Ferreira (2008, *on-line*), “[...] Nada de traduzir palavra por palavra, Berman invoca uma literalidade distinta. Não algo que possa lembrar o decalque ou a mera reprodução, mas aquela que trabalha sobre a letra (e não apenas sobre o sentido) para tirar da letra a tradução. [...]”. Nesse sentido, traduzir a letra engloba mais que traduzir a palavra, pois se trata de traduzir o ritmo, as aliterações, os jogos significantes de um texto. (FALEIROS, 2009).

Seguindo a reflexão expressa na obra *À l'épreuve de l'étranger* (1995), Berman relaciona a questão ética ligada à escolha do tradutor: obra x autor; ou autor x público. Essa escolha tem que ser ética, poética e pensante. Para Ferreira (2008, *on-line*), “[...] o ético aqui pode significar a busca de vínculo o mais próximo possível com a ‘verdade’ (tal como expressa na letra do texto), enquanto o poético corresponderia ao elemento ao mesmo tempo criativo e fundamente calcado na materialidade das palavras [...]”.

Berman estima que a estratégia de estrangeirização, ou exotização, constitui a verdadeira ética da tradução. Recorrendo-se ao pensamento de Norma Domingos, as traduções e re-traduções efetuadas devem atentar para as características fono-estilísticas e sintáticas, tais como: rimas internas, aliterações e figuras de estilo dominantes; tipos de frases; jogos de palavras; polissemia de certos termos lexicais; bem como características estruturais, tais como: tipo de pontuação; presença predominante de segmentos poéticos; e campos temáticos representativos.

À guisa de conclusão, consideramos que a tradução de poemas em prosa, sobretudo os de Baudelaire, implica um mergulho do tradutor em ressonâncias, cantos, danças das

palavras, num universo ora onírico, ora rodeado da mais crua realidade por todos os lados. O tradutor caminha, deve caminhar entre fronteiras nem sempre bem definidas, lançando-se ao risco da poesia.



REFERÊNCIAS

- ABES, Gilles Jean. **Análise de uma tradução dos pequenos poemas em prosa de Baudelaire**. Anuário de Literatura, Volume 15, Número 02, 2010. Disponível em <https://www.journal.ufsc.br/index.php/literatura/article/viewFile/2175-7917.2010v15n2p207/15963>. Acesso em 11 de fevereiro de 2014.
- ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução – A teoria na prática**, 2007.
- BAUDELAIRE, Charles. **Œuvres complètes**. Texte établi et annoté par Y-G Le Dantec. Paris : Gallimard, 1954. (Bibliothèque de la Pléiade)
- _____. **Petits Poèmes en prose (Le Spleen de Paris)**. Paris : Garnier, 1958.
- _____. **Petits Poèmes en prose ; Pequenos poemas em prosa [O Spleen de Paris]**. Trad. de Dorothée de Bruchard. – Florianópolis : Ed. Da UFSC, Aliança Francesa, 2011.
- _____. **Petits Poèmes en prose; O Spleen de Paris: Pequenos poemas em prosa**. Trad. De Leda Tenório da Motta. – Rio de Janeiro: Imago Ed, 1995. 160 p.
- BERNARD, Suzanne. **Le poème en prose de Baudelaire jusqu'à nos jours**. Paris : Librairie Nizet, 1959.
- BERMAN, Antoine. **L'Épreuve de l'étranger. Culture et traduction dans l'Allemagne romantique. Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin**. Gallimard (coll. TEL), 1995, 311 p.
- BOSI, Viviana. **Baudelaire mau vidraceiro**. Alea, vol. 9, nº 1, Rio de Janeiro, Jan/Jun, 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2007000100008. Acesso em 11 de fevereiro de 2014.
- BRUNET, Jacqueline Nunes. Dissertação de Mestrado intitulada **Une brève lecture du Spleen de Paris, Recueil em prose de Charles Baudelaire**, capítulo 1, 2012; do texto retirado do sítio <http://www.luso-poemas.net/modules/news03/article.php?storyid=1345>, consultado em 25 de fevereiro de 2014.
- DOMINGOS, Norma. **A prosa villeriana: por uma tradução poética**. Araraquara, SP, FCLAR/UNESP, 2008. Disponível em http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_495.pdf. Acesso em fevereiro de 2014.
- FALEIROS, Álvaro. A crítica da retradução poética. **Revista Itinerários**, Araraquara, n. 28, p. 145-158, jan. / jun. 2009. Disponível em <http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2146/1764>, consultado em 03 de fevereiro de 2014.
- FALEIROS, Álvaro. **Traduzir o poema**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012. (Coleção estudos literários).
- FERREIRA, Eduardo. Berman e a tradução da letra. **Rascunho**, Nov./2008. Disponível em <http://rascunho.gazetadopovo.com.br/antoine-berman-e-a-traducao-da-letra/>, consultado em 02 de junho de 2014;

GUIDÈRE, Mathieu. **Introduction à la traductologie**. Penser la traduction : hier, aujourd'hui, demain. 2 ed. Bruxelles : Groupe De Boeck, 2011. 176 p.

JARRETY, Michel ET autres. **Lexique des termes littéraires**. Paris : Éd. Gallimard, 2001. 475 p.

LAUREL, Maria Hermínia Amado. **Le spleen de paris, petits poèmes em prose : "crise de vers", "crise de prose"**. Revista Máthesis, N° 10. Universidade Católica Portuguesa, Departamento de Letras, Coimbra, Portugal, 2001. Disponível em https://pombalina.sib.uc.pt/en/artigo/le_spleen_de_paris_petits_po%C3%A8mes_en_prose_crise_de_vers_crise_de_prose. Acesso em 15 de fevereiro de 2014.

LE ROBERT MICRO : Dictionnaire de la langue française, poche. 2006. 1506 p.

MUNIZ, Maria Julia de Carvalho e. **Traité de l'Harmonie de Rameau** : traduction commentée de la préface. 2009. Monografia (Letras-Língua e Literatura Francesa) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

OSEKI-DÉPRÉ, Inês. **Théories et pratiques de la traduction littéraire**. Paris: Armand Colin, 1999. 283 p.

POUND, Ezra. **Abc of reading**; Abc da literatura. Trad. de Augusto de Campos e José Paulo Paes. – São Paulo: Editora Cultrix, 1989.

SANDRAS, Michel. **Lire le poème en prose**. Paris : Dunod, 1995. (Coll. Lettres sup).

TEYSSIER, Paul. **Dictionnaire de Littérature Brésilienne**. 1 ed. Paris : Presses Universitaire de France, 2000. 108 p.

VIZIOLI, Paulo. **Literatura inglesa medieval**. São Paulo: Nova Alexandria, 1988.